

Revista Nova

Lisboa, 10 de agosto de 1901

IMP. AFRICANA — R. das Flores, 99 E 101

EDITOR — ILLYDIO ANALIDE DA COSTA

Fuenterrabia

Fuenterrabia! Não creio que exista no mundo uma mais bella recordação gothica; não creio que haja um ramalhete de torreões em ruínas, mais medieval, mais poetico, mais evocador de sombras graves e silenciosas, do que esta cidade quasi morta, quasi destruida, com as suas ruellas negras e tortuosas que sóbem até á egreja como se ahí fôssem receber a extrema-unccão, que sóbem e se retorcem, ameaçadas pelas vetustas casas de paredes rachadas, pelas torres que lá de cima parecem prepararem-se para a suprema queda, — que sóbem, desertas, abandonadas, tristes de toda a tristeza das agonias, entre gelosias quadradas a que não assoma nenhum rosto, que se não illuminam com uma só luz, que se diriam cerradas por mãos já mortas, por mãos do seculo XIV, para sempre immobilisadas e frias.

O proprio céo que, além, do outro lado do rio, nos apparece vermelho, com tons de incendio na apotheose do sol poente, toma, ao cobrir aqui as torres negras e carcomidas, uma côr indecisa, um matiz melancholico de tela já muito antiga e manchada.

Fuenterrabia, a morta! Debaixo dos seus arcos esculpidos, em ruas sem luz, defronte dos escudos de pedra que corôam as suas fachadas, na tranquillidade augusta do crepusculo, todo o passado do mundo e todo o meu proprio passado resurge e me allucina.

Lembro-me que veiu aqui isolar-se um grande fidalgo do seculo XV, já muito velho, a fim de esconder atraz dos muros d'esta egreja as suas tristezas e as suas desillusões, suavizando a monotonia cruel da sua inutil vida com o espectáculo dos altos montes azues. O seu phantasma acaba de me apparecer — alto, fraco, as mãos exangues, a pelle de pergaminho, os olhos reluzentes como brazas. E uma subita sympathia me attraheu para elle, porque o vi soffrer, porque as suas palpebras estavam cheias de lagrimas, porque nas noites da sua vigilia eterna uma sombra feminina o acompanhava, como um remorso. Pobre grande senhor! A sua sombra lamentava-se na obscuridade, e confessava-me, em dolorosas palavras, proferidas com um gemido, o segredo da sua alma fraca.

Escondera-se ali para fugir da perjura, da infiel, que no seu leito brasonado recebia os laçaios da Côrte! Eis o que me dizia a pobre som-

bra familiar erguendo um dedo descarnado a vastidão dos céos. E na sua dôr de amante e de esposo, apparecia-me quasi bello, sem a mais pequena mancha de ridiculo, esse gentil-homem a quem uma creança de vinte annos ornára a fronte de chavelhos symbolicos...

Gomez Carrillo.

Meza redonda

.....

UM advogado portuguez, sahido ainda ha poucos annos das escolas com um grande nome de familia e o seu já brilhante de orador — refiro-me a Alexandre Braga — publicou ha poucos dias uma carta no jornal *O Seculo*, appellando para as almas generosas do seu paiz, a proposito d'um monstruoso crime de justiça humana, e affirmando a sua crença inhabalavel de certeza que ha alguem — um homem — que a lei arrancou, injustamente, ha sete annos, ao convivio social, por um crime que não praticou, e de que outro mesmo se confessa, ha muito tempo, o auctor!

Alexandre Braga diz não confiar unicamente no seu isolado esforço, e dirige-se aos artistas verdadeiros, aos poetas verdadeiros, aos escriptores da sua terra, pedindo-lhes todo o esforço do seu talento para esta grande realisação de Justiça, em troca do pequeno sacrificio de abandonarem por um momento, apenas, uma arte inutil e infecunda, onde não se agita um bocado de vida nem um protesto viril.

Pois dá-se este caso estupendo: um homem innocente é preso sete annos — vida sem liberdade e quasi sem luz; um ar impuro força umas grades para lhe chegar; um pão negro passa umas mãos indignas para lhe chegar; uma mascara na cara; um numero; um fardamento sempre odioso, tudo isto sete annos! e uma arte inteira, um paiz todo, não se ha de levantar para o trazer a uma vida purificadora?

Os seus pulmões querem ar? Hão de tel-o! A sua alma quer liberdade? Ha de tel-a!

Um sol quente ha de aquecer-lhe o peito, e pela sua bocca ainda ha de passar, um dia, um canto vigoroso da liberdade reivindicada!

Mais de vinte poetas — cem poetas; outros tantos artistas; todo o talento humano ao serviço d'uma dôr victoriosa, porque não ha de levantar, nas suas mãos gloriosas, essa desgraça de sete annos, e arrastar atraz de si toda uma grande raça de opprimidos?

Dreyfus chegou a ser, em França, o symbolo da dôr dos homens: perdoou-se á mão que tinha tido uma espada; perdoou-se á bocca que tinha gritado pelo sangue — e tudo porquê?

Porque ella gritava então pela Justiça!

Quantos poetas ergueram a sua voz, quantas almas! Todo o mundo sentiu passar acima de si a nuvem negra d'um odio accumulado ha tanto tempo.

E' porque só a Justiça tem esse poder de levantar as almas, e é com o seu braço forte e inviolado que o amor arranca estrellas ao ceo!



Mas não! A arte portugueza não comparecerá n'essa lucta, creia-o Alexandre Braga. Os seus braços estão vendidos, a sua alma está vendida; é tudo inutil! Da arte já não sae um protesto, em Portugal; cahiu a mascara á sua miseria, e dos gritos dos esfomeados, ella não tira uma unica voz para os seus livros, nem um som para os trovões de lata da sua indignação!

Continuarão a sahir, como até aqui, cem livros de versos todos os annos; mas nem uma idéa abrindo-lhes um clarão de luz, nem um sentimento, nem um bocado de arte, elevando-os acima d'uma decadencia geral. Passa uma onda de revolta, desce uma nuvem de sangue, — mas que as vê?

Onde estão essas ardentes almas de poetas; de esperanças nos labios e um clarão nos olhos?

Onde estão os verdadeiros artistas, onde estão os mestres?

Ai! os mestres foram para o verde! Os mestres engordam, e não seria por uma pequena questão de justiça que elles deixariam o seu jantar!

Ninguem se levantou, ninguem se ha de levantar, nenhum de nós! Todos nós estamos a comer, sr. Alexandre Braga; o nosso garfo já não o trocamos por nenhuma espada do mundo.

Ha um innocente na Penitenciaria?

A Justiça errou?

A Justiça matou um homem?

Para que é ella cega, senão para se enganar; e para que tem ella uma espada, senão para matar alguém?

Não nos envergonhe, sr. Alexandre Braga, appellando para as nossas almas. Nós não temos talento, nós não temos braços, nós não temos almas, e nada já poderemos fazer senão offerecer-lhe um logar tambem na meza!

Nunes Claro.

Canção da Espada

A Francisco Villaespesa

Servi as causas leaes
do Direito e do Dever
em mil batalhas campaes?
Fiz expirar, ou soffrer
os corações marciaes...

Tingi de laivos vermelhos
o gume, em peitos pagãos,
e, invocando os Evangelhos,
matei creanças e velhos,
almas fortes, peitos sãos!

Meus copos ensanguentados
 pesaram mais que o granito.
 E ah! quantos vi trespassados,
 invocarem, desolados,
 as mães e os filhos, n'um grito!

Agora, vejo um espectro
 sempre de pé, ao meu lado,
 com ar nocturno e secreto,
 e todo elle atormentado...
 — E' um rei com o seu sceptro!

E interrogo-o, desolada,
 assim: — Diz me, ó rei-harpia,
 porque, de sangue banhada,
 me trouxeste, á luz do dia,
 sempre, em grande porfia,
 n'uma guerra porfiada?

Então, não foi o Direito,
 responde, ó velho dragão,
 quem te fez armar o peito?
 E elle replica: — A ambição,
 sómente, o Direito não!

Então não foi a Justiça,
 não foi um santo dever
 que te impelliram á liça?
 E o monstro diz: — A Cubiça!
 só por ella fiz morrer!

Passam as almas d'aquellas
 que eu deixei na viuvez:
 trazem collares de estrellas,
 trazem saphyras nos pés,

e cantam uma canção
 que faz chorar ós guerreiros:
 — Maldita seja a ambição
 dos velhos reis cavalleiros!
 Maldito o seu coração,
 que assolou reinos inteiros!

Dias d'Oliveira

Terra de Promissão

(Excerpto)

N'ESSA noite despertára horas altas e temores subitos a assaltaram. No pequeno quarto d'um retiro de ninho, onde os sons morriam em velludo como beijos, uma amorosa claridade de luar, filtrada atravez da janella ainda aberta, entrava, vaga e fria... Era um deliquio de côr onde as coisas punham manchas baças, sem contornos. E no silencio, a sua imaginação fugia, como uma grande aguia negra, em rondas de loucura.

Desejava serenar-se, socegar. Mas atravez do Futuro só distinguia agora um nevoeiro denso e crespo onde os seus olhos mergulhavam, incertos e tristes. Via a sua felicidade desabar, todo esse amor que poderia amanhã apagar-se com o murchar da sua belleza... E na pavorosa acuidade que, no sobresalto d'essa noite, d'um silencio vago e fluido, as suas faculdades subito tomavam, presentia já desenrolar-se no idyllio d'essa alcova todo o afflicto drama de ciumes e revoltas. Não mais seria d'ella! E que tormento sem nome esse de ver, em cada dia de belleza que lhe fugia, um pouco de ternura dos beijos d'elle fugir tambem... E ella que pensara amar sempre, longe do tempo, acima do mundo, apenas com a graça do seu coração e com o segredo da sua alma, via todo o seu sonho desfolhar-se, inutil e fragil! E pela primeira vez então encontrou-se cheia de fadiga, nos seus trinta e cinco annos, ao lado da mocidade d'elle, impetuosa e viril. Oh! nunca reparára! E como agora teria de expiar e guardar a sua belleza, como um cofre doirado que o tempo amarellece e gasta! Os beijos d'alli em deante saber-lhe-hiam já a saudade — e nunca mais se lhe poderia entregar com essa confiança suprema, que a fazia no calor dos abraços ser d'elle e só d'elle, abandonada apenas á felicidade divina de se sentir amada, de se sentir beijada... D'aqui em deante entre os dois estaria sempre o espectro da sua belleza morta, como um voto de renuncia que ella não queria professar. Não! — nunca poderia assistir, serena e feliz como d'antes, ao degelo d'essa paixão que fizera do seu sangue, torre de márfim erguida da sua carne e da sua vida.

E o seu supremo sonho morreria — porque elle havia de partir, indifferente como os outros, quando ella já não tivesse para lhe dar senão o pulsar d'esse coração e a voluptuosidade já gosada da sua belleza esquecida e gasta. O tedio viria quando já não tivesse a dar-lhe em cada curva de seio e em cada rythmo de beijo um inedito de emoção nova e de febre. O amor d'uma mulher é um poema de paginas castas e azues que os olhos se cansam de ler segunda vez... E todo o mal estava em ella se lhe entregar assim toda, sem reservas, n'essa vertigem de lhe pertencer — agora que o cansaço viria exgotar a obra da sua ternura e da sua alma. Mas não poderia amal-o d'outra forma — e era já tarde para fugir á tentação intima d'esse ninho, recolhido e feliz, onde os passos d'elle viriam em breve acordal-a para o mysterio do amor.

Já todos esses tres mezes passados, d'uma paz acima da vida, n'um alheamento infinito das coisas e dos outros, lhe acenavam um adeus de distancia, sumidos ao longe... Não voltariam mais! E ella que julgára aquella alcova forte e imperecivel como uma fortaleza, ella que acreditára poder ser sempre d'elle, como uma sombra a seguil-o, como uma crente a adoral-o! Esperal-o-hia alli todas as noites, prompta a cahir-lhe nos braços mal o sentisse, a afogar nos seus beijos as palavras da sua bocca para que ellas d'um coração passassem logo n'um halito para o outro coração... Via-o entrar, já da porta a sorrir-lhe, á espera tambem que ella viesse buscal-o, chamal-o tambem n'uma caricia. Um do outro então, para além d'essas paredes de quarto o mundo ficava um quadro sem relevos e sem côres. E, mãos unidas, olhos confundidos, a confissão do eterno sonho vinha sempre: — os dois partiam sós n'uma grande barca com azas, pelo horizonte sem fim, com o seu amor... E seria essa felicidade de caminhar sempre para longe, deixando a terra, pelo espaço e pelo ceu, onde o seu amor floriria perto das estrellas...

E agora, evocando este trecho das suas recordações e de sua

phantasia, sentia-se melhor. Afinal, elle não viera essa noite, preso na sua vida de lá de fóra — mas voltaria no dia seguinte. E lembrava o accento sincero da sua voz que lhe dissera na vespera, firme e triste. Mas logo o logar d'elle vazio no leito lhe gelava o coração, como um presentimento mau. E se fosse apenas um pretexto o motivo que elle tinha dado da sua ausencia? E esta suspeita fixava-se-lhe no espirito com uma lucidez atroz e inilludível. Debalde o seu coração procurava fugir a este apello brusco á realidade — dentro d'ella essa voz de desconfiança era aguda como uma lamina de punhal. Não! — podia lá ser... E o desespero de sua felicidade, que ella ainda ha pouco presentia, como uma nuvem de tempestade longe, vinha agora estender-se-lhe, nuvem negra e immensa, sobre a sua pobre cabecita d'amorosa. O soffrimento, o abandono viriam — mas mais tarde talvez. Não! não podia crêr-se já sob o veu tragico da desgraça. Mais tarde... E punha-se a folhear recordações, palavras, caricias, a ver se lhes descobria já o fel do tedio... E o espirito seguia offegante n'essa analyse impassivel e cruel a procurar minucias, a levantar pequenos sentidões de gestos vagos d'ocasião... E em tudo elle lhe tinha parecido sempre o mesmo — agora que a sua memoria aqui e acolá deixava claros-escuros, manchas — porque ella gosara sempre sem pensar, confiante e apaixonada. Podia lá ser! E n'um salto brusco sahiu da cama, veiu até á janella que, habituada á vontade d'ella que sempre a quizera assim aberta, dando entrada ao luar, ella n'essa noite deixara tambem, como nas outras, expondo o silencio da alcova ao ar discreto e claro que se estendia, livre, lá fóra. . D'aquella altura de quarto andar, no bairro afastado, via-se apenas ao longe a toalha humida do rio, em reflexos de prata, e um pedaço com luzes da cidade. Toda a paisagem era immovel, n'um socego de distancia onde rumor algum subia e apenas a natureza germinava, grande e serena. E do ceu, das arvores, da terra, evolava-se uma suavidade feita de mysterio e de tristeza, onde o luar talhava em sombras os contornos e dir-se-hia abafar a voz das coisas.

Ella encostou a cabeça e deixou-se adormecer n'esta vaga e somnolenta ternura que a penetrava. Ficou assim esquecida e longe de si mesma, a alma parada, o pensamento embevecido. Era como que uma vontade de ficar alli sem ideias, sem torturas, para sempre...

Deante d'esse grande panno de mysterio e de estrellas, em que as formas eram como nevoas extaticas e dormentes, todo o seu espirito se abandonava á infinita quietação que vinha do halito da noite...

Mas despegada d'alli, d'esse embevecimento dos sentidos, fechou a janella e veiu para dentro. Sentia-se só, immensamente só. Porque não viera elle? E as suas recordações já não tinham ancias, febre — era uma tristeza que se diluia em lagrimas, um soffrimento de resignação e de saudade... E agora chorava sem uma revolta, fragil com o seu sonho que a ia abandonar, deixa-la fraca, sem ninguem, como uma flor murcha a que foge o perfume. Como seria triste viver quando o amor já não vivesse dentro d'aquelle ninho! Deante do pensamento, sem uma crispção, sem um soluço agora, toda essa ardente vida de trez mezes passava, immaterial e longiqua. A noite em que o conhecera, a primeira noite em que se lhe entregára, suffocadamente, escondendo junto ao rosto d'elle os olhos molhados de sensualidade e de supplica...

Pouco tempo tivera para saber da sua vida — que não quizera mesmo conhecer. Que lhe importava o homem de lá de fóra, o homem que ella não podia seguir apezar de tudo? Só alli nos braços o amava —

só alli é que o queria conhecer... E via então a sua figura, alta e leal, de reflexivo e de bom. Amara-o porque o sentira forte e grande ao pé da sua pequenina alma de andorinha. Deante d'elle ficava-se como que absorta, cega, presa das suas palavras, dos seus gestos, dos seus grandes olhos inquietos, cheios de mocidade. Todo o seu espirito se recolhia, penetrado d'uma devoção dulcissima pela sua confiança e pelo triumpho da sua graça. Precisava de se sentir amada por elle, amparada pelo seu busto energico de dominador! Oh! a sua cabeça, essa cabeça divina, de cabellos negros, soltos em ondas, essa cabeça d'homem e de bom, capaz da lucta rude e da conquista da vida! E porque havia, no fim de contas, elle ha de ficar moço e grande — quando ella, amorosa ainda como uma creança, envelhecesse para os outros?

Não! Para elle, ella ficaria sempre timida e casta, nova atravez das rugas da sua formosura! E uma revolta subita começava a vir agora do intimo dos seus pensamentos contra o destino que o fizera a elle com vinte annos ainda, e ella com trinta annos já! E o seu amor cahiria assim com a fadiga do tempo, com a ruina do corpo.

... Nervosamente ergueu-se, foi accender as velas do toucador e procurou o espelho, n'uma necessidade aguda agora de se sentir, ainda, bella e desejada. E sorriu — d'entre as sombras do seu cabello, esplendido e loiro, o rosto oval e pallido esmaecia com o seu olhar maguado de Madona. O collo descia por entre as rendas, rythmico e branco — apenas a sua carne, d'um marmoreo rosado, tinha já curvas lassas de fadiga.

Sorriu... — elle desejava-a ainda, desejal-a-hia muito tempo, como no primeiro dia talvez! E ella mesma, a sorrir deante do espelho deixava a sua bocca animar-se d'uma leve tentação de beijos. Tinha agora encontrado esse pretexto que buscava para se serenar — já os seus receios e a sua dôr não tinham razão. Queria convencer-se — mas olhando essa cama, pela primeira vez ha tres mezes vazia, o desanuviado sorriso fechou-se-lhe nos labios humidos e finos.

Fóra, uma luz indecisa de madrugada azulava d'um tom mais vivo o ceu — e n'esse leito ella não adormecia, n'esse leito onde elle sempre a beijava e onde n'essa noite não viera.

Coimbra, 1901.

Augusto de Castro.

Os grandes males do Povo

I

ESCREVO das faldas do Caramulo.

Hontem subi até lá acima, a uma eminencia, d'onde se avista um dos mais bellos panoramos que conheço. Serras e valles profundissimos, o Bussaco em frente, a costa do mar emmoldurando o fundo purpurnos d'um poente de luz e entre tudo isso os casaes dos lavradores, perdido nas concavidades das montanhas e na extensão das planicies.

E eu que procuro a solução d'um grande problema, a realidade d'um grande sonho, mergulhei o espirito na contemplação da vida do

Homem, com a anciedade de quem procura no fundo do abysmo a perola perdida.

Ah! o que essas poucas horas apresentaram ao meu espirito!

Logo em baixo o meu povoado, essa terra que me viu nascer e me alimentou até fazer de mim um cavador de largos hombros e peito forte, essa terra que me deu a conhecer toda a dôr que encerra a nossa pobre vida.

Fitei os olhos n'esse ponto e a imaginação resumiu, na da minha, a vida tenebrosa de todas as aldeias.

Por toda a parte a mesma ancia de felicidade nunca alcançada, o mesmo desejo de paz e harmonia, que os ocios matam ao nascer. D'ahi vem para todos a mesma realidade esmagadora da desgraça, a mesma onda de males, o mesmo vento de lucta.

Ali ninguem pôde dizer: vivo em paz. Que, afinal, a nossa vida é como o mar: para cada um que chega ha uma onda que vem e outra onda que vae... Para muitos a lucta é sem esperanças; desejam apenas não morrer de fome aquelle dia, porque cavam uma terra estranha, vivem n'um lar que já é d'outro e mesmo as enxadas com que revolvem o solo estão reclamando o trabalho do artista que as fundiu.

Homem, quando viverás tu n'uma terra livre, onde sintas o prazer da tua dôr, a recompensa do teu trabalho?

E como que para calcular o tempo que isso ainda levará, comecei alongando a vista até confundir a extensão n'um horisonte sem limites.

A meus pés estendia-se a planicie, e ahi, em meio da natureza florescente, luctava o braço do Homem, vigoroso e são, mas queimado pelo sol e abatido pela fadiga.

Era o espectáculo sempre grande d'um povo que trabalha para dar o pão de cada dia á humanidade esfaimada.

A essa hora, quem atravessasse uma d'essas aldeias e batesse pelas portas, não acharia ninguem.

E' quando cessam de fumegar os tectos dos casaes e os campos se cobrem de gente a continuar na lida que começou antes da madrugada e se estende pela noite fóra. Porque todos conhecem que a sua vida se define assim: trabalhar ou morrer.

Ninguem sabe quantos ociosos irão viver do seu trabalho de cada hora, mas veem claramente que cada torrão que se volve lhes custa uma baga de suor, cada grão que fructifica é o premio d'uma canceira. Sabem que até ao ultimo dia da colheita ha de chegar ainda muita dôr, cahir ainda muita lagrima.

Leitor sensato, quem que quer sejas, demora-te um momento aqui commigo.

Eu sei que escutas as minhas palavras, porque ellas traduzem verdade e apregoam justiça, e não me enganarei de certo, se disser que já tens perguntado á tua consciencia, ao veres a lucta constante do trabalhador:—para que é tão grande esforço? e ao saberes que, apesar d'isso, elle continua pobre, teres perguntado ainda:—e porque é isso assim?

Pois bem: escuta porque isso assim é.

Comecemos pela nossa porta.

Sabes perfeitamente que temos um parochó, que aos domingos nos diz a missa, que nos encommenda os mortos, que nos confessa e nos préga a bemaventurança; isso exige da nossa bolsa a satisfação de certos tributos que se chamam: a congrua, os officios, o foliar, a quarta e as festas annuaes aos santos; temos na cabeça do concelho um juiz, um

delegado, um administrador, um recebedor, um tabellião, um escrivão de fazenda, dois ou tres fiscaes, havendo ainda para cada um d'estes senhores um amanuense e para cada amanuense um creado; e cada um d'estes funcionarios ganha, termo medio, tanto como o nosso parochó; temos ainda á frente de cada districto um governador civil e de cada diocese um bispo, tendo cada um uma infinidade de creados, todos assalariados por mais que o nosso parochó, ainda que menos façam; temos na capital os ministros que enriquecem no governo para dissiparem na opposição e a monarchia que custa ao povo trabalhador o bastante para tirar da fome dez mil boccas; temos ainda o exercito em todas as cidades do reino que, não obstante o privar-nos dos melhores braços, matando-os ou inutilizando-os por lá em guerras absurdas, obrigando-os muitas vezes a disparar contra os proprios paes e irmãos, não obstante tudo isso, tem ainda as armas e materiaes de guerra que custam quantias fabulosas, tem os cavallos e os officiaes, uns e outros perigosos, uns e outros carissimos; e abaixo e acima de todas estas boccas, fermenta ainda a grande multidão dos ociosos, a quem os governos protegem, deixando-os impunes quando atacam a nossa propriedade ou violam as nossas filhas.

E sabes tu, leitor sensato, á custa de quem vive essa legião?

A' custa do Povo que vês tumultuando n'esses campos, queimado do sol, negro da terra, sem pão e sem escolas.

Ai d'elles! se nós chegassemos agora lá abaixo e disséssemos a essa pobre gente que a terra que cava e o milho que cultiva lhe não pertence pela traição dos outros; ai d'elles! se a podessemos convencer da verdade, ensinando-a a fazer das enxadas armas de combate ou a refugiar-se nas montanhas, com o seu haver, esperando ahí a liberdade ou a morte!

O que seria d'elles se o meu povo soubesse até onde chegam os seus direitos e onde findam os seus deveres!

Oh! mas ha de sabel-o! Hoje, amanhã — que valem dias perante a natureza eterna? — ha de sabel-o.

Isto foi ha dois dias: andava eu lá em baixo nas varzeas, em mangas de camisa, chapéu largo, sacho em punho, repartindo a agua para os milhos, confundido com os mais, os meus irmãos e os meus visinhos.

Falava-se d'um pobre diabo que é coimeiro e commentava-se o caso de elle ter condemnado o outro dia um visinho nosso por não ter cortado as silvas sobre a barroca. Senti o meu espirito invadido não sei se de tristeza se de indignação, quando um dos meus visinhos observou: «foi bem feito: é um relação...»

Mas foi o bastante: principiei logo com elle, brandamente primeiro, acaloradamente depois, a mostrar-lhe que nós, o Povo, somos uns desgraçados, pois que em lugar de nos defendermos mutuamente, andamos a condemnar-nos, compromettendo assim nossas pessoas e bens.

— Pois quê! então não veem que os do governo o que querem é ver-nos assim para nos explorar até ao ultimo real? Para isso nomeiam já os desordeiros, que não perdoam nada.

Depois, que raio! não verem que elles procedem sempre com malicia! Chamam esses infelizes para denunciar os descuidos do Povo, porque eu não consinto que lhe chamem faltas; se os denunciam, dão-lhes uma parte do que rende o processo e ficam com o resto; se os não denunciam, nada lhes dão, embora os desgraçados tenham que estostrar de fome e muitas vezes ainda os castigam!

Afinal nós é que somos os parvos. Porque diabo não havemos de abrir os olhos e tratar das nossas coisas, cada um das suas e todos de

todas? Porque aqui é que está a salvação dos nossos lares, a independência das nossas aldeias. E' fazermos de contas que somos uma familia apenas.

Quando o governo encarregar um d'esses desgraçados para nos fazer mal, é irmos ter com elle e dizermos-lhe: se não tens que comer, anda d'ahi trabalhar para nossas casas, que nós te mataremos a fome e aos teus filhos.

Se elle estiver tão cego que teime em não ir, diz-se-lhe então que se fizer mal, seja a quem fôr, nós cá estaremos para fazer justiça: perseguil-o-hemos até á morte.

E ao passô que eu ia sahindo do meu estado normal, falando alto, gesticulando largo, via que todos começavam a estar d'accordo comigo e muitos lembravam já ir d'ali a casa do coimeiro... Achavam bem: era uma grande coisa!

Mas o que n'esta altura se passou foi extraordinario, ao menos para mim, que penso a toda a hora n'um povo que se emancipe pelo despertar da sua razão e pela força do seu braço na reivindicação dos direitos postergados.

Ao fundo da propriedade passava o coimeiro. Corremos todos para elle, sem colera, chamando-o. O homem, assustado, parou. Começamos primeiro todos juntos a falar até que não, se entendendo nenhum, todos se calaram. Falou então o mais velho. O outro ouvia attentamente as nossas razões, encostado ao cabo da roçadoira, á espera de saber o que significaria tudo aquillo.

Do nosso lado o velhote falava, gesticulava, ia d'um para outro lado, calcava os milhos, dava com a ponta do sacho nas pedras do cômodo, ao passo que ia sempre tentando demover o outro do officio, com toda a sua energia.

Nós apoiávamos: falavamos em união, em paz.

Eu arrastava com promessas de felicidade n'um futuro proximo, falando-lhe da maior egualdade entre os homens, do ultimo dia da miséria e do desabamento do velho estado social.

Isto em termos claros e convincentes.

O pobre homem gaguejava, sem atinar no modo, não sei se de se livrar de nós, se de acceder ao nosso alarme.

Por fim houve uma resolução. Pois bem! Visto que aquillo assim era, diabos o levassem, elle fôsse cego, se tornasse a condemnar alguém.

— Antes roubar, avancei eu.

— E' verdade, antes roubar, clamaram todos.

Tinha-se chegado a uma conclusão, avançado um grande passo.

Fui d'ali com elle jantar uma malga de sopa, um prato de feijão e uma salada.

*
* *

Isto foi ha dois dias ainda.

Pois bem, hoje, amanhã — que importam dias perante a successão do tempo — estes pequeninos fogachos hão de transformar-se em clarões e a pouco e pouco illuminarão a terra.

Cada uma das nossas vidas é um instante na vida do universo e comtudo é por esses instantes que se mede a rotação dos seculos. Assim tambem cada uma das nossas boccas que se abre, queimada pela sêde da justiça, convulsionada pela ancia da revolta, é um dever que se aponta,

um direito que se proclama; e são esses deveres e esses direitos que, colligidos no mesmo código: a Razão, proclamados pelo mesmo clarim: a Verdade, hão de abrir-nos um dia as portas da Terra Promettida.

Eu bem sei que muito sangue ha de correr ainda; que hão de nascer muitas esperanças e morrer muitas convicções; sei mesmo que isto que hoje faço viverá suffocado durante muitas gerações de martyres, mas basta para arraigar a minha fé, que se realise d'aqui a milhões d'annos. A indiferença é sempre criminosa, seja em que tempo ou em que individuo fôr.

E não me digam que já assim viveram vossos paes: o passado foi uma noite de miserias, o presente é uma aurora de lucta. Que ha mais? A porta aberta do Futuro.

Ide; atirae com a vossa pedra, porque um dia virá em que essa planície tomará o nível d'esta montanha, d'onde hoje vos contemplo, ou então não sahireis jámais da vossa vida de famintos!

Thomaz da Fonseca.



A Exposição

.....

III

Os Quadros

AINDA a *Palavra do Mestre*.

Alguem notou o muito tratado da cabeça do velho que olha Christo, comparando-a com os primeiros planos. Não concordamos.

A cabeça do velho, batida por um forte feixe de luz, sae d'essa claridade, mais nitida, mais marcada, que os primeiros planos da téla, diluidos na luz diffusa que os illumina. E assim o pintor, marcando mais a cabeça, deu-nos a impressão final da luz, fazendo-a sahir fortemente da penumbra.

Tem talvez muito ponto criticavel, não duvido; mas ha n'esse quadro muito pulso e muito vigor, e eu descubro-me perante quem lança para a téla, inspiradamente, estas paginas biblicas, tracejando-as de tão poderosa individualidade.

Ponho n'estes quadros a minha esperança, para novas e fecundas obras, a admirar-lhe.

Inspirando-se no grande epico, Adriano de Sousa Lopes teve, para o *Engano d'Alma* um momento de feliz producção.

A idéa do poeta, passando pelo pessimismo do pintor, deu-nos uma boa pagina de dôr humana.

Liberto já d'aquelle machinismo da pintura d'Academia, que chancellava a obra de todos os novatos, é uma revelação e uma affirmativa.

As figuras bem lançadas, bem desenhadas (não querendo fallar na cabeça do rapaz), teem vida. Algumas, como as das mulheres, na intensa

A PINTURA

Engano d'alma, ledo e cego...

Quadro de

Adriano de Sousa

A PINTURA



A PESTE EXPULSANDO OS CASTELHANOS

Quadro de

Sobral Fernandes

dôr que desenhâm, arrepiam. Uma mão crispada salta da tela em rugidos de dôr.

N'este quadro ha alma, mais que tudo, amplidão, horisonte, ar.

Com bastante pena passamos para o *Eterno escravo*, de Luciano Freire, infeliz em toda a extensão da palavra.

Se quiz estudar effeitos de luz,—mau!

Se quiz fazer uma philosophia, encaixilhada em dourado,—peor!

Emfim, se quiz fazer um bocado de pintura com boa technica e boa pincelada — está certo.

O *Eterno escravo* pôde ter uma philosophia muito transcendente, que eu não attinjo. No meu fraco entender, a unica coisa que resalta fortemente, é mais um conselho pratico aos leitores do Felix Pereira. Com effeito, não merece a pena uma pessoa pentear-se muito bem, para depois se despir; é d'um ridiculo formidavel, tenho dito.

Passemos ligeiros sobre as bonecagens do sr. Jorge Collaço, por agora...

Esperamos dedicar-lhe umas pequenas phrases, que serão o começo d'uma apothese ao borrador eximio.

Não encerraremos estas notas, sem escrever um nome merecedor da mais alta consagração: o do fallecido José Ferreira Chaves—um mestre desaparecido; um homem, que deixa a sua individualidade n'uma obra vastissima, como este, é preciso estudar-lhe a obra para as palavras cahirem certas, e para que representem a verdade.

Esse trabalho, que estamos iniciando, apparecerá mais tarde, quando estiver completo, e pudermos, pelo estudo de todos os seus trabalhos, registrar a sua linha evolutiva.

Assim o exige a obra d'um morto que foi grande, e o conseguiu ser n'um meio de tacanhos.

A PAYSAGEM

As paysagens — curiosas como estudos de côr e affirmativas de conhecimentos de technica pictural—nada trazem para a arte, affirmando temperamentos arrotinados no decalcar dos processos do *mestre*.

Atirar pastadas á tela e compôr, com mão de artista arabe, uma polychromia berrante, não é, a meu vêr, reduzir a uma formula emotiva os grandes quadros da natureza.

E quando ao esbarrar n'uma difficuldade da côr, (para preencher uma lacuna de observação) se esborra a paysagem a liláz, fazendo-a sahir esfumada d'um banho arroxeadado — não se faz obra d'arte; mas sim fancaria.

E' uma coisa chic, propria só para ser collocada ao pé das brochadellas incolores das meninas que, d'uma precocidade inverosimil, até já expõem aos dez annos.

E então os nossos pintores abusam d'uma maneira brutal!

Ha quadros, onde parece que na paysagem chove perenemente pô lilaz; senão, veja-se os de Manuel Antonio Saude.

Dizia Jules Breton: «O roxo na paysagem, deve ser invisivel para o burguez.» Eu, n'este ponto, sou o burguez.

Correndo as paysagens, deparam-se-nos:

João Vaz — As eternas marinhas sem uma nota a mais, um motivo novo. Nada de progresso.

CABEÇA DE VELHA



Quadro de

David Estrella de Mello

Galhardo — Umas desgraças que nos fazem saudades das *Terras d'Açóia*.

Christino — Apresenta-se-nos com uma patuscada, chamada *Iguarapé*.

Santos Junior (José Antonio) — E' dos poucos que sentimentalizam a tela, e dá-nos campos tristes, serras agrestes, d'uma monotonia lusitana. É nada de roxos...

E, apontados estes, nada mais.

Por aqui nos ficamos, pois, n'estas ligeiras notas, parecendo-nos ter apreciado o mais saliente. De resto, leva-nos também a finalizar o facto de já ter fechado a Exposição.

Alvaro de Castro.

Pindarica

Para Salvador Rueda

Rompe el silencio! Sin temor levanta
tu frente donde el genio centellea,
y en medio de esta apocalipsis canta,
y luz de aurora tu canturia sea.

Al ver las leyes de tu patria rotas,
estalla en hímnos, de entusiasmo lleno,
y da á sus áureas y valientes notas
la luz del rayo y el rugir del trueno.

Desprecia del placer las seducciones:
pulsas la lyra y contra el vicio clama...
Te llaman con sus voces los canones!
La dinamita con su voz te llama!

Vé el vuelo del progreso detenido
por reaccionarias y opresoras leyes;
el porvenir del pueblo sometido
á los caprichos de ambiciosos reyes:

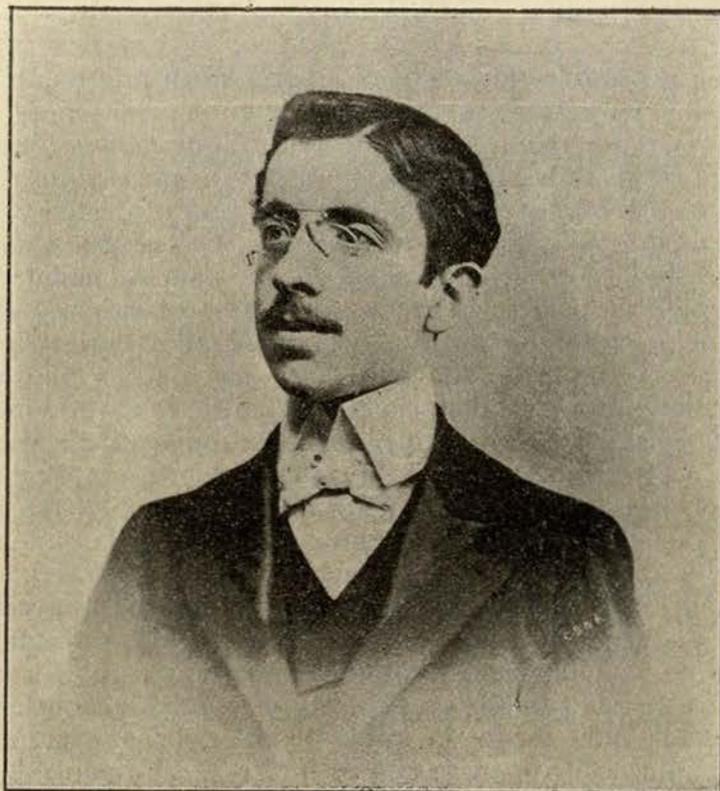
del hogar profanada la pureza;
del interés la muchedumbre esclava;
y en el altar, caída la cabeza,
Cristo que nunca de expirar acaba.

La antigua Esparta se trocó en Sodoma.
Vé el despotismo que á la patria abrumba,
y en medio de esta decadente Roma
muestre el valor de Tacito tu pluma.

Si! Sé Jesus que al mercader azota:
David que hiere á Goliath triunfante...
Al mismo tempo látigo y picota!
Al mismo tempo Juvenal y Dante!

Y si es preciso combatir con bríos
á esa reacción que á nuestra patria inunda,
corra la sangre generosa en ríos!...
La sangre de los martyres fecunda!

A HESPAÑA LITTERARIA



FRANCISCO VILLAESPESA

Auctor da *Luchas* e *La Copa del Rey de Thule*.

Eres titan, pues en la lucha inquieta,
para alentar la multitud airada,
la sacra lira en manos de un poeta
es mucho más temible que una espada.

Derrumba el templo de los dioses falsos
sin temer de la envidia los enconos;
como hay tronos más altos que cadalsos,
hay cadalsos más altos que los tronos!

Rompe el silencio! Sin temor levanta
tu frente donde el genio centellea,
y en medio de esta apocalipsis canta,
y luz de aurora tu canturia sea!

Francisco Villaespesa.

As questões sociaes e a nova arte

.....

COM os seus processos de soalheiro, não admira que os chamados literatos officiaes, — assim os podemos denominar, attenta a sua consagração por parte d'um publico de imbecis e d'uma *cóterie* de cúmplices, — se esfalfem em insinuar, aos ouvidos uns dos outros, que esta campanha que lhes promovemos não passa d'uma mera questão pessoal. Por muito pouca consideração que eu tenha pelas suas apregoadas intelligencias, não me resigno ao convencimento de que esta imbecilidade seja sincera, muito embora, pela recordação dos seus processos de ataque, ella se justifique pelo proloquio de que o bom julgador por si se julga. Em todo o caso, como a decantada sabedoria das nações não passa d'um apontuado de dictames contradictorios, essa cousa é, em todo o caso, um erro. Duplicado de má fé? E' natural, é quasi indiscutivel. Mas como elles sabem que essa phrase de ponta e mola nos fere, empregam-a.

Está certo, está a caracter. Não nos surprehende. Ao iniciar esta lucta, a que, por todas as fórmas, temos pretendido dar um aspecto de batalha campal, e na qual até agora não temos encontrado senão navalhas que procuram trespassar-nos pelas costas, descontámos anticipadamente toda a fraqueza das almas e toda a miseria dos caracteres.

Entretanto, a affirmacão gratuita e anonyma, que resvalaria pelo nosso desprezo se se tratasse apenas d'uma contenda com elles, necessita ser esmagada pelo tacão da bota, deante do vasto publico que nos ouve, e acompanha a nossa lucta com o interesse de quem vê em jogo a sua propria causa. Esmaguemol-a, pois, com principios, com documentos, com factos, de que temos tanta falta quanta n'elles se observa de armas traicoeiras e recursos inconfessaveis.

Não! Não se trata d'uma questão pessoal. Questão pessoal, porquê? Interesse? Elles que digam quantas vezes temos assaltado com *chantages* eguaes ás suas os seus editores ou os seus theatros. Odio? Já outro dia o disse, e nunca é demais repetil-o: nas personalidades que atacamos porque os seus nomes firmam obras perversoras ou ignobeis documentos de defecção, o que sempre visamos é o escriptor, não é o homem. Pobre d'elle, se a sua falta de character publica demonstra a inflexiveis julgadores a sua falta de character particular. Todavia, eu desafio qualquer dos cobardes que nos esfaqueiam a que venha, com a face livida exposta um só momento á luz, apontar-nos uma só phrase em que ella tenha sido alvejada.

Não é esta, porém, a questão, — esta aggressão na sombra com que elles não conseguem mais do que elevar-nos. Elevar-nos?! Decerto. Porque só póde ser uma elevação a resultante d'esse ataque de encruzilhada, em que se evidencia a impotencia d'uma defeza leal da parte de homens que teem uma penna e não sabem servir-se d'ella para definirem as suas responsabilidades. Para a meia duzia de imbecis que, nos recantos suspeitos dos cafés, os circundam de cócoras, tal retrahimento da luz póde talvez passar por uma altivez olympica de genios, e não por uma olympica desfaçatez de farçantes. Mas o que são esses pequeninos

antros de depressão moral e intellectual, para o largo publico que, disperso por todo o Portugal, os desconhece ou os despreza? Esse publico existe, ó patrões da Arte! esse publico existe, ó Mascarilles da Arte! E lê-nos, — para vosso desespero, — e peza as nossas accusações, e vê um nome por debaixo de cada uma d'ellas, e pergunta a si proprio, surpreendido, que desconhecida força é a d'estes nomes obscuros para que outros nomes, revestidos d'um merecido ou immerecido prestigio, se não atrevam a defrontar-se com elles, á luz clara do sol, onde a espada dos luctadores traça, no ar, os grandes gestos das batalhas...

*
* *

E' muito simples. Essa força está nas idéas que exprimimos, e de que nós não passamos de apaixonados vulgarisadores. Vêda o nosso injusto engrandecimento! Como? Injusto? Sem duvida. Combatendo erros e desfazendo illusões, nós não podemos deixar, n'uma alma só que seja, a falsa presumpção de que, na realidade, se não trata mais, como até amigos nossos poderiam acreditar, do que d'uma pugna intellectual entre novos que surgem, armados d'uma grande audacia de juventude, e velhos e semi-velhos que se retrahem para o combate, aconchegados na flanela burgueza das suas conveniencias ou das suas apostasias. Não, não se trata de nomes, que não são para nós gazuas de abrir reputações. Se firmamos com elles o que escrevemos, é porque nunca nos resolveriamos a deixar uma opinião sem um homem, como se não deixa uma bandeira sem um combatente. Comtudo que são elles, que significam elles, esses nomes, ao pé dos principios, das idéas que são o proprio sangue da alma, — mas que sendo nossas, porque as amamos, não são todavia nossas, porque as creassemos?

Eis o que nos diminue; eis o que nos faz arredar com o pé esse pedestal a que, na sua cegueira, os que nos odeiam nos erguem. Simples e obscuros legionarios d'um pensamento, batemo-nos com o valor e a lealdade necessaria para o não deshonrar, mas isso é uma obrigação, porque é um dever, e a compensação ao nosso minguado esforço está todo na consciencia de o cumprir. Elevação, pinaculo, Sinay, — para elle, para esse Ideal de redempção, sim! e quando muito as suas summidades intermedias para aquelles grandes prophetas do seu verbo que, atravez das edades e pelos quatro pontos da terra, não tem cessado de clamar a emancipação do Homem.

*
* *

Pois então que julgava esta gente? Que nós, esta meia duzia de rapazes, eramos tão pouco intelligentes, — não digo já tão pouco dignos, porque isso não seria para elles uma razão, — que nos abalancassemos a esta lucta apenas com a inspiração da nossa vaidade e os recursos da nossa penna joven e fraca? Sendo assim, não admira que se julgasse rapida a nossa inteira *débâcle*. Bastava apparentar desprezos onde não lograssem triumpho insinuações; calumniar quando não fôsse possivel captar; calar para asphyxiar; dividir para vencer. Mas quanto erro n'este pequenino plano! Quando se procede em nome de simples interesses pessoas; a renuncia, a defecção são possiveis; mas quando as almas possuem uma idéa que as robustece, são invulneraveis, — para sempre. E são sempre as idéas que triumpham, e nunca os homens.

*
* * *

Que a Arte é um apostolado social? Sim, meus senhores. Vem no ar e vem na luz, esta certeza ao nosso coração. Eil-a ahi, a nossa idéa, — a nossa força, porque é o nosso amor. Não a creámos nós, é certo. Que importa? Também não fomos nós que creámos os horisontes onde a nossa alma se embriaga, nem o sol que faz gyrar o sangue em nossas veias. Creou-a, atravez dos seculos, até a tornar precisa e nitida como uma formula, que é hoje, a legião benemerita dos pensadores. No mysterio das eras e das florestas, a Bondade, primeira palavra de libertação, exprimiou-se nos primeiros cantos do homem. A' instituição tyrannica das castas, respondia o *Ramayana*, juntando, n'um mesmo abraço, mais do que todos os homens, os proprios irracionaes aos seres racionaes, e fazendo-os caminhar, lado a lado, á libertação da symbolica Belleza que o genio do Mal retinha, captiva, nos seus impenetraveis dominios. «Desde esse momento, — exclama, cheio de santo jubilo, Michelet, — o preconceito das castas estava ferido de morte!» Com effeito, o caminho encontrava-se traçado com a creação d'esse grande symbolo poetico. A Arte iniciara a sua obra gigantesca de nivelção social, e no intuito de a realisar, pequenos e grandes não teem, desde então, deixado de marchar para a conquista da felicidade humana, não poupando para isso nem a sua intelligencia, nem o seu heroismo, nem a sua dôr.

*
* * *

Que estimulo, que força, — saber que, n'este mesmo momento, atravez de fronteiras e atravez de mares, a mesma idéa e o mesmo sentimento suggestionam generosas intelligencias e fortalecem acrysolados corações! Uma mysteriosa communicação nos põe a todos em contacto, dos mais illustres aos mais obscuros. Passa, por todo o mundo, uma vasta irradiação mental; ouve-se em todo o mundo as pulsações de milhares de corações. Dentro dos gabinetes de trabalho dos sabios e dos artistas, nas amplas salas dos congressos, nas plateias dos theatros, nas aulas das universidades livres, — nem um só dia que passe sem uma palavra de luz. De Norte a Sul, o mesmo aneio, a mesma febre, a mesma crença, a mesma fé, capaz de deslocar montanhas, a mesma prodigiosa elaboração do Futuro. Cada dia traz uma conquista; cada hora revela uma esperanza; cada minuto dá um documento. E é assim que d'essa França, que é para nós, latinos, a nossa patria espiritual, e na qual, pelas prophcias de Kropotkine, se ha de arrazar a derradeira Bastilha, ainda não ha muito me veio uma nova seara de elementos para me afervorar nos meus principios e na minha fé.

Cedendo á corrente de inquerito que está fazendo do jornalismo a maior alavanca de educação social que de todos os tempos se conhece, um grande jornal, por signal conservador, o *Temps*, de Paris, encarregou um dos seus collaboradores, Edmond Fazy, de proceder a um trabalho d'essa natureza sobre a missão do seculo XX. Edmond Fazy interrogou artistas, sabios e philosophos, e ás respostas de todos esses homens representam a melhor contribuição que se poderia desejar para o estudo da intellectualidade contemporanea em França, — nas suas tendencias e nas suas aspirações.

Vou consignar algumas d'essas affirmações. São interessantissimas, — e sobretudo são consoladoras. Porque, com effeito, até mesmo o frio

silencio ou as dogmaticas opiniões dos velhos profissionaes da arte, seccos esthetas ou impenitentes cabotinos, dão um superior relevo ás desassombradas e entusiasticas affirmativas d'essa juventude que surge, decidida a integrar-se na vida e a procural-a tornar feliz e livre.

Assim, Brunetière, o mastodonte da Critica que proclamara a bancarrota da Sciencia, encerrou-se na mais gelida mudez; porventura para encobrir a difficuldade de poder affiançar o reinado da Estupidez no seculo XX; o velho carpinteiro de theatro, Victorien Sardou, declarou que ignora o que será o theatro do futuro; o illustre Georges Courteline deu-se ares de pessimista inflexivel, e entre copinhos de *vermouth*, trovejou, na *terrasse* d'um café, que a litteratura estava já completa em Homero; e por fim o poeta Henri de Régnier respondeu ao thema que lhe era proposto, divertindo-se em dissertações sobre medidas de versos, sobre contrastes entre varios escriptores modernos, e na apologia de *frissons* novos, de perfumes novos, de scintillações de joias desconhecidas, e outras trapalhadas d'este genero. Eis o que disse a *Arte pela Arte* ao perguntarem-lhe o que ella pensava da grande missão d'um seculo, que tem para o seu trabalho os materiaes de milhares de annos!

Entretanto, alguns d'esses homens anquilosados na perversão litteraria, presentem vagamente toda uma renovação nas correntes da arte, que se annuncia já n'um clamor. E' assim que Marcel Prévost não hesita em reconhecer a influencia das questões sociaes na nova litteratura. «Creio na existencia, no futuro, — diz elle, — d'um romance cada vez mais social... Ha entre os novos romancistas uma tendencia manifesta para já não se occuparem apenas de puras anedoctas de amor, preoccupando-se muito mais com as questões moraes, politicas e sociaes.» Depois esterilisa-se em detalhes de processo litterario no romance, — mas como n'essas breves palavras elle se condemnou a si proprio!

Ao pé de esta hesitação, quanta nitidez da parte d'aquelles que fazem a sua obra com uma grande fé e uma grande sinceridade. Como elles, em vez de illudirem a questão, se cingem rigorosamente a ella! As respostas d'um moço poeta, Fernand Gregh, o auctor da *Maison de l'Enfance* e de *Beauté de Vivre*, merecem especial menção pelo vivo deal que as anima.

Fallando sobre a forma porque poderá contribuir, para a missão social do seculo, a Poesia, «arte admiravel, — são as suas palavras, — que a nossa epoca, apoz a passageira decadencia d'estes ultimos annos, verá refflorir e tornar-se de novo o que ella, na realidade, deve ser: conductora dos povos e, simultaneamente, prazer de lettrados» o poeta diz:

Marchamos para uma poesia muito differente da de hontem, e sobretudo da que preferiam os nossos antepassados symbolistas. N'elles, a *Arte pela Arte* triumphou, exclusiva. Nós evadimo-nos, cantando, da Torre de Marfim. Queremos fallar á multidão. O *symbolismo* foi um digno filho do *parnasianismo*. Fôram os *parnasianos* que, por meio d'uma reacção, talvez inconsciente ou sub-consciente, contra Hugo e Lamartine, prophetas e tribunos, edificaram essa celebre Torre. E os *symbolistas*, continuaram-os, quer dizer: installaram-se na Torre, e ahi se confinaram egoistamente. Além de artistas, os Hugo, os Lamartine, fôram philosophos, fôram politicos, fôram sociologos, fôram *vates* religiosos. Em Henri de Régnier quasi que não descubro inspiração puramente humana; a sua arte sobrepõe-se á vida, e occulta-a. Nos nossos grandes Romanticos, pelo contrario, havia uma penetração, uma fusão perpetua da vida e da arte. E' evidente que os poetas da Torre de Marfim, aquelles que vivem no seu sonho egotista, nos são menos sympathicos e familiares do que Lamartine e Victor Hugo, o qual, sobretudo, ficou sendo sempre para nós o Pae, o *Pater*.

E, mais adiante, afirmou:

A poesia de amanhã ha de regressar á concepção romantica. E' claro que se não de dar fatalmente differenças de inspiração. Não conheceremos já a vaga religiosidade do Lamartine das *Harmonies* e depois do Hugo de 1830. Servir-nos-ha, porém, de pharol, um livro de Michelet, envelhecido n'alguns detalhes, mas essencial e radiante no seu conjunto: a *Bible de l'Humanité*. A nossa poesia humana, opposta á poesia estritamente artista, já não cantará Jehovah: será mais philosophica do que religiosa; inspirar-se-ha mais na eterna religião do que n'esta ou n'aquella das religiões; será a meditação austera e apaixonada da Vida. Duvido muito que se passem acontecimentos importantes por occasião da morte do imperador Francisco José; mas do que tenho a certeza é de que entramos n'um periodo de luctas politicas internas. Em vez de se deixarem ficar afastados, com um moroso desdem feito de impotencia ou uma indifferença verdadeiramente criminosa, porque a politica reage sobre todas as cousas, mesmo sobre a Belleza, os poetas de amanhã serão militantes e collaborarão com os seus escriptos n'um nobre esforço politico e social.

Este brado idealista harmonisa-se, apesar da diversidade dos escriptores, com a profunda observação de Jules Claretie que, ha mezes, analysando o *Quo Vadis* debaixo d'um seguro ponto de vista, apreciou em duas palavras o segredo do seu triumpho. Depois de consignar que sempre chega a hora das reacções inevitaveis, o eminente chronista escrevia: «Reacção do Ideal contra as cousas á moda; *révanche* da obra do pensamento contra a obra bestial. «*Quo Vadis? Aonde vaes?*» — A outras preocupações diversas das do lôdo.» Foi essa ascensão do espirito que immortalizou o Romantismo, porque era verdadeira e sentida; que não deu resultado aos Symbolistas, porque era falsa e artificial, e que illumina os apostolos da nova idéa, assegurando-lhes a victoria dos seus cantos.

Se passamos dos poetas aos philosophos, as palavras de Alfred Fouillée marcam uma grave orientação que em nada contradiz os sonhos dos jovens artistas, antes os confirma pelo seu poder reflexivo. Diz o auctor das *Idées-Forces*:

A philosophia do seculo XX deverá recommear com um methodo novo a obra do seculo XVIII. Essa obra foi: o culto da razão e da sciencia, a procura d'uma moral simultaneamente natural e social, d'uma politica nacional fundada sobre a idéa da justiça, d'uma religião humana, tendo por principal artigo de fé a perfectibilidade da humanidade e mesmo do universo.

O seculo XIX, sobretudo na sua segunda metade, não foi senão uma vasta reacção do tradicionalismo contra o idealismo, do culto da força contra o culto do direito. O seculo XX, assim o espero, retomará, dando-lhe uma forma menos ingenua, mais profunda e verdadeiramente scientifica, os principios do racionalismo francez; a razão ha de acabar por vencer. Alem d'isso, o novo seculo imprimirá uma direcção francamente social á moral e á politica, e collocará a questão social no primeiro plano dos debates do pensamento.

Se me não engano, essa grande obra, verdadeiramente humanitaria, constituirá a «*révanche*» intellectual da França contra a philosophia allemã e a philosophia ingleza, contra a glorificação germanica do successo e da conquista, contra o *darwinismo* anglo-saxonio em moral, em politica e em economia politica. De hoje em diante, os philosophos, os moralistas, os sociologos do nosso paiz devem consagrar-se áquillo que poderemos chamar a *justificação da idéa da justiça*.

Justiça! Era já o que Zola gritava, como sendo a formula prophetica do Futuro, ao iniciar a grande lucta que ficou conhecida pelo nome de *questão Dreyfus*, — mesquinha taboleta da mais soberba das intervenções do pensamento na arena das luctas historicas. E é n'essa palavra que veremos congregar-se toda a multidão dos ideaes generosos do nosso tempo e dos tempos que não de vir.

Gabriel Monod fixa o papel dos jovens historiadores. N'uma carta dirigida a Edmond Fazy, reconhece toda a importancia dos factores sociaes para o estudo dos phenomenos historicos.

Creio, — diz elle — que se abandonará cada vez mais a philosophia da historia propriamente dita e a investigação de pretendidas leis que teriam determinado a evolução dos acontecimentos para se accentuarem as generalisações que possuam um character scientifico. Para esse fim, attender-se-ha menos aos acontecimentos propriamente ditos da vida politica, militar ou diplomatica, para se estudar, com um interesse cada vez mais vivo, a evolução dos factos sociaes, das instituições e das idéas, que teem um character de permanencia e de continuidade logica.

E não são só os artistas e os philosophos que se occupam apaixonadamente das questões sociaes, no sentido da perfectibilidade humana. A tentativa do estabelecimento d'uma lingua universal, devida a Leon Bollack, tambem apresenta como seu intuito um nobre esforço para a realisação da paz universal.

Fallando da sua *lingua*, — a *lingua azul*, — e affirmando que o seu pensamento tem alcançado, entre outras, as adhesões de homens como Lavasseur, Novicov, Rosny, Tolstoi e Elie Réclus, o inventor exprime-se por esta forma:

O estado actual da civilisação (exposições universaes, congressos internacionaes, unificação de pesos, de medida, de hora, de meridiano, uniões postaes, telegraphicas e monetarias, etc) demonstra uma tendencia irresistivel de todos os povos para commungarem entre si. A diversidade de idiomas é o principal obstaculo a esse impulso. E como se torna impossivel a um homem civilisado aprender todas as linguas segue-se, como conclusão inevitavel, que será necessaria ao seculo XX uma linguagem commum.

E depois:

Muita gente admirar-se-ha que os mais illustres espiritos tenham approvado esta idéa e que, entre elles, se contem Descartes, Leibnitz, Voltaire, Montesquieu, os Encyclopedistas, Condorcet, Volney, Burnouf, Ampère, etc. Nos nossos dias, o fallecido Max Muller e Leão Tolstoi declararam a questão não só *resolovel* como *resolvida*. Elie Reclus escreveu-me de Bruxellas: «O senhor convenceu-me da praticabilidade d'uma lingua internacional.» Este anno mesmo (1900) o Congresso Internacional de Philosophia, a Sociedade de Mathematicos, o Congresso de Historia Comparada, a Sociedade Philomathica, o Congresso de Ensino Technico, o Congresso da Historia das Sciencias, a Associação para o desenvolvimento das Sciencias, etc, nomearam delegados para o estudo d'esta questão.

Leon Bollack conclue assim:

Nada fará parar este movimento. Graças à lingua internacional cada homem civilisado conseguirá fazer-se comprehender pelos seus irmãos, e em virtude d'esta intercomprehensão, uma *entente* moral que dissipe todos os equivosos sobrevirá rapidamente, procedendo-se assim com facilidade ao desarmamento physico, visto os espiritos estarem já moralmente desarmados.

*
* *

Se passarmos do mundo scientifico e litterario ao mundo politico, não encontraremos em menor apreço as questões sociaes. Ao inquerito do *Temps* corresponde o inquerito da *Révue*, mais recente, mas não menos flagrante e elucidativo. Este investiga a influencia das questões sociaes entre a juventude politica e é sobremaneira notavel por authenticar a profunda modificação que se effectuou, de ha menos de dez annos para cá, no character da mocidade franceza. Foi, com effeito, n'essa data que

Jules Huret. o príncipe da *interview*, querendo conhecer as tendências intellectuaes dos rapazes da França, encontrou e revelou aos seus leitores do *Echo de Paris* uma juventude *decadente* em litteratura, *espiritista* em religião, *dilettante* em arte, *sceptica* em philosophia, aparentemente *anarchista* em politica, *impotente* em amor, revelando em geral uma completa ausencia de gosto pela acção e pela vida.

Hoje, tudo mudou, e mudou sobretudo depois da questão Dreyfus, que foi um abençoado abalo na sociedade franceza, chamando a sua attenção para os grandes problemas da actualidade e sacudindo-a do torpor nefasto que a conduzia aos peor dos suicidios. Agora, a burguezia, como bem o constata um escriptor socialista, Leon Parsons, vê sahir do seu proprio seio uma juventude decidida que contrasta singularmente com a desfallecida geração de 1890. Do inquerito da *Révue* deprehende-se que, a qualquer partido que se encontrem ligados, os rapazes são sinceros e optimistas, teem o senso da realidade, entram resolutamente na vida, e d'ella extrahem rasões de actividade, e quando se determinam a um fim, seguem-o com logica, não duvidando, em caso de necessidade, recorrerem a actos d'um meditado heroismo. «Eis o que inquieta a burguezia, — consigna Leon Parsons, — e por isso ella pergunta a si propria se não produziu os seus proprios coveiros.» E' o mesmo factio que eu já notara, ha perto de quatro annos, no decurso da publicação d'um pamphleto meu e de Fernando Reis: *Os Vermelhos*, quando accentuava que «os proprios inquilinos do Absurdo estavam, dentro de casa, deitando as paredes abaixo» por soffrerem, na Consciencia e na Intelligencia, todos os supplicios soffridos pela Plebe na sua misera carne.

A *Révue* interrogou os representantes mais auctorizados da juventude politica. Uns são presidentes de associações universitarias, outros teem um logar saliente nos partidos politicos, outros dirigem revistas, e ainda outros são já bastante conhecidos do publico francez por terem conquistado uma maior ou menor notariiedade artistica ou litteraria. Em todos elles se notam logo preocupações sociaes, coadas muito embora atravez dos seus systemas politicos.

Paul Dussoulier, estudante de direito, secretario da Liga Democratica das Escolas, escreve que «elle e os seus amigos estão convencidos de que o salariado é um estado necessariamente transitorio que deverá ser substituido por um regimen economico sobre o qual os membros da Liga possuem concepções differentes que lhe não permitem uma affirmacão precisa, mas que fatalmente implicará a suppressão completa do salariado».

Outro, um monarchico, Henri Plommet, do *Centro dos estudantes catholicos*, constata o poder da organisação syndical, e um catholico sincero, Henri Bazire, não receia affirmar que uma imaginação juvenil só pode dirigir-se para dois polos de attracção: «o catholicismo que, sendo uma religião, é ao mesmo tempo *uma doutrina social*, e o collectivismo, systema social que extrahe toda a sua força do factio de se impôr com todo o poder d'uma religião.»

Temos em seguida mais um rapaz, J. Paul Boncour, auctor d'uma notavel these sobre o *Federalismo economico*, que se mostra partidario d'uma evolução collectivista, e Jean Richon, presidente da *Solidariedade Universitaria*, que é um ardente discipulo de Benoit Malon, e proclama com vehemencia o ideal socialista.

Todos, n'uma palavra, republicanos ou monarchicos, estão de accordo em accentuar quanto as questões sociaes se impõem, sobre todos

os outros problemas, ao exame da intelligencia contemporanea. Até um anti-semita, Dubuc, muito fallado em jornaes por ser um companheiro decidido de Jules Guerin e ter sido depois eleito membro do Conselho Municipal de Paris, se manifesta crente nas soluções do communismo libertario, «graças ao qual, — é assim que elle se exprime, — as organizações sociaes poderão melhor harmonisar os seus diversos interesses».

*
* *

Basta. — Eis como as questões sociaes reclamam, lá fóra, a attenção, e mais ainda a dedicação de todos os espiritos. Ninguem, mesmo aquelles que, por interesses ou convicções, se amedrontam das suas consequências, se atreve a negar que a missão do seculo, que ha poucos mezes se abriu, é essencialmente social. Proletarios das officinas e proletarios das sciencias e das artes procuram conhecer-se, reúnem-se, e no dia em que a sua junção fôr completa nada lhes poderá resistir, porque terão a intelligencia alliada á força do numero. Sobre elles, está fixo o olhar dos pensadores, e no horisonte desenha-se já um extraordinario ponto de interrogação. A hora actual é uma hora de *attente*. A humanidade está atravessando uma das suas maiores, ou antes a maior crise da sua historia. Só os homens do pensamento podem evitar a solução do eterno conflicto n'um diluvio de sangue, caso seja ainda possivel assegurar-a, antes que a medida da iniquidade definitivamente transborde. Se as pennas não elucidam, fallará o canhão, a espada, a foice, e a lança. Que se apresse a Arte de todos os povos, — que se apresse, lançando ao sentimento humano todas as estrellas da sua piedade e do seu amor, no grande gesto da sua justiça! — E' isto o que se comprehende e se apostolisa na França, emquanto, em Portugal, os nossos escriptores do mais alto cothurno ainda mal começam a comprar um ou outro livro que os elucidem sobre o que vem a ser isso dos *opararios*...

Mayer Garção

A Dança do Pó

.....

Cada facha de luz que toca o chão
Faz voejar as azas da poeira:
O pó dança depois n'esse clarão
 Com essa agitação
Que dá toda a ventura verdadeira.
A gente julga doidas e ridiculas
Essas faulhas d'oiro assim aladas,
Quando, afinal, porém, essas particulas
 Talvez tenham razão,
Porque nunca, por certo, tornarão
A ser, por nossos pés, jámais, pisadas.

Essa alegria do pó tem fundamento
Porque elle será luz, e nunca mais
Sujará o setim do firmamento,
Agitado p'la mão dos vendavaes.

Dentro da luz irá galgando montes,
Com ella descera para os abysmos,
Viajará com ella os horisontes,
Com ella fugirá dos cataclismos.

E ficará, talvez, na noite d'um cabelo,
Que um poeta qualquer rimará em canções:
N'essa noite será um lindo sete-estrello,
Um poema de Deus feito em constellações.

Dormia o pó no chão: raio de luz bemdito
Deu-lhe azas p'ra voar, porque lhe inspirou dó,
O pó sonhou então voçar pelo infinito,
E nos astros não viu mais do que um outro pó.

Turbilhonou e foi para essa luz, com ancia
De tocar a grandeza, em que ha as coisas bellas:
A luz mentiu ao pó, apagou-lhe a distancia:
O pó sonhou-se então uma chuva d'estrellas.

A que corpos não tinha elle já pertencido?
Que origem differente elle tambem trazia?
Essa origem, porém, ficará no olvido:
A differença entre o pó ninguem a distinguia.

Pó de braços de neve a lançar claridades,
De seios virginaes, e de prantos de dó,
D'olhos cheios d'amor, pó feito de saudades,
Se as saudades tambem se transformam em pó:

Pó de rochas, que o mar minou e demoliu,
Pó de lyrios, da herva e troncos a cair,
Quem foi que vos juntou e que vos confundiu
Por fórma que ninguem vos póde distinguir?

Eu vejo-vos correr todos na mesma luz,
E não sei, e não sei como differençar
O pó, que resultou dos olhos de Jesus,
D'aquelle que uma flôr deu depois de murchar!

Quem sabe se esse pó, que produziu um lyrio,
Não foi já d'algum astro, em que a morte tocou,
Que se desfez na sombra, ao longe, no empyrio,
E que, desfeito, então para o mundo tombou!

A aguia quer subir até onde a luz móra...
Tal aneio, talvez, se justificará,
Sabendo que o seu pó veiu de perto da aurora,
E, novamente, quer alçar-se para lá!

Quem sabe se o desejo, em nós ás vezes alto
E intenso, de ter um peito p'ra abraçar,
Não será o do pó do musgo, que ao basalto,
Antes de nós, já poude os abraços apertar!

Se de vida p'ra vida, a vida é transformada,
E é o mesmo pó, n'essa carreira infinda,
Póde muito bem ser que uma rosa pisada
Me transmitta essa dôr, e que eu a sinta ainda
Quando, na minha carne, a rosa está mudada.

Vê-se um raio de sol : ha uma força estranha
Que quer sempre juntar dois atomos distantes,
Essa mesma talvez que, para uma montanha
Tornar, crystallisou areias fluctuantes :

Os atomos então procuram-se com ancia,
E n'essa ancia ha como que commoção,
E hão de triumphar, afinal, da distancia :
O que é que justifica esta grande attracção ?

As faúlhas na luz, se Deus quer reunil-as,
E' talvez p'ra que vão, novamente, formar
O que formaram já, talvez umas pupillas.
Para que possa alguém, de novo, ter olhar.

Ha faces de mulher de que cae um clarão,
E seios d'uma alvura a escorrer luar :
E' que, para os formar, juntou-se o pó que, então,
Andava n'algum raio e póde illuminar.

Beijamos uma bocca, e muita vez, parece
Que um natural aroma ha sempre a perfumal-a,
E quem isto estranhar é certo que se esquece
Que o pó de qualquer flôr póde, agora, formal-a.

O angulo da rocha escutando os ruidos
Estremece, ao ouvir fallar algum de vós :
Quem sabe se esse pó já formou uns ouvidos
E se conhece ainda o timbre d'essa voz ?

Sob o desprezo mau, ás vezes, d'um olhar
Uma rosa murchou, na sombra d'algum canto ...
A terra vem dizer que ella esteve a chorar :
Porque foi que chorou a rosa aquelle pranto ?

O que ora rosa é, antes foi talvez já
Algum raio de luz, que esse olhar clareou
E que soffre por vêr a ingraticidão que ha
N'aquelle mesmo olhar que, antes, illuminou.

De vida para vida ha só transformações ...
E' por isso que, vendô o pó, na luz, subir,
Eu digo : Quanta flôr e quantos corações !
Que seios virginaes d'ali hão de sair !

Oh pó que eu vejo, agora, a correr e dançar,
Supponho, e com razão, que póde acontecer
Que sejas inda um peito, a que eu queira abraçar,
Ou talvez um punhal, que me fará morrer.

Tu já me viste, oh pó, como eu te vejo a ti,
Na luz do sol correr, na luz do sol subir,
Quem sabe se, meu filho, eu já te conheci,
E se, n'um corpo, nos havemos reunir.

Talvez, oh pó, talvez, meu verdadeiro irmão,
Succeda que, mais tarde, eu torne a eucontrar-te,
Sendo eu uma alva mão e tu uma outra mão,
Ou tu parte d'um ramo e eu a outra parte.

Não sabes quanta vez, em horas de tormento,
Te desejei a sorte, oh pó a que pisava,
Só porque ias cair, lançado pelo vento,
Nos olhos e nas mãos d'aquella a que eu amava.

E ella chorava então, odiando a aragem...
 A mim nunca me viu, por uma estranha sina
 Que, por excepção, fez com que até minha imagem
 Não podésse, sequer, affectar-lhe a retina.

E's feliz, como é tudo o mais que ella veja;
 Portanto debes ter orgulho do valor:
 Talvez nem mesmo até a via-lactea seja
 Mais que um pouco de pó, n'algum raio maior.

Presinto, oh pó, que tenho ainda de ir formar
 Comtigo uma pupilla, em outras gerações,
 E que ambos nós ainda havemos de levar
 A um cerebro, então, as mesmas impressões.

Do «*Descendo*»

João Lucio.

Confronto

SE não estivessemos acostumados a que a iniquidade se exercesse constantemente n'esta sociedade de crápula, como fazendo parte dos seus proprios costumes, um facto que se deu recentemente, produziria, sem duvida, um clamor de protesto sahindo de todas as boccas, um brado de revolta irrompendo de todas as almas.

E a sociedade que chancelou esse acto, com uma audacia de contrabandista, pela penna dos seus juizes e pela bocca dos seus burguezes, dos seus beleguins, dos seus privilegiados, correria o risco de se subverter no grande mar dos seus erros e dos seus crimes, no meio d'uma estorsão tremenda de apostrophes e de coleras!

*
 * *

Mas vamos ao caso. E' isto, simplesmente, nitidamente: um homem que praticou no Instituto de Surdas Mudas, de que é professor, actos de impudor sobre nove creanças de 10 e 12 annos.

Este criminoso authenticico, levado perante um tribunal, é absolvido, por um traço de penna do juiz, togado de negro, que é o interprete do sentir d'um jury, que representa o criterio social em litigio.

E como confronto, d'onde se deduz a seriedade, a lisura, a correcção das decisões d'essa falsidade, d'essa ficção, d'essa monstruosidade que, por um euphemismo abominavel, se chama Justiça, veja-se o caso, que os jornaes narram, do individuo que essa mesma Justiça condemnou indevidamente, sem fundamento, sem prova e que, ha uns poucos de annos, está na penitenciaria a espiar um crime que talvez não commettesse.

Veja-se isto e diga-se depois se não é hedionda, tão hedionda como a espingarda que matou Gavroche, essa pseudo-justiça posta ao serviço

d'uma sociedade perversa, frascaria, cheia de vícios, de mentiras, de privilegios que são affrontas de convenções, que são insultos á belleza do espirito moderno!

Justiça que, sendo servil como um creado, serve para sancionar torpezas, justificar crimes e condemnar os desgraçados, os rebeldes, os miseraveis que a sociedade, apavorada com o derruir das suas bases, exige que se condemne.

A mesma que condemnou Dreyfus, o sublime martyr e absolveu Esterhazy, o descommunal patife!

*
* *

Pois bem; esta coisa que venho a narrar e que devia produzir a impressão d'uma bomba que rebentasse, cae no meio da indifferença, do tedio, da passividade que é geral, que tomou conta de tudo e de todos. Ninguem se importa, ninguem se interessa, ninguem se preocupa.

A burguezia gorda, endinheirada, exploradora, continua a engordar, a enriquecer, a explorar, pacificamente, regaladamente.

Os passeios da Avenida com as suas arvores folhadas de novo, teem a frequencia habitual de meninas que se pintam e de *dandys* que se perfumam; as carruagens brazonadas, ostentando as finas sedas de meretrizes finas, passam como um insulto á miseria que se estorce de dôr em casebres putridos.

Isto é, em nenhuma parte um indicio de perturbação, um signal de colera, um grito de protesto, um gesto de revolta. Os corações enregelaram, os espiritos embutiram, as almas já não vibram. Parece que um pacto pavoroso, pacto que a dar-se é uma abdicção, uma cobardia maior que a de Bazaine, se estabeleceu entre a corrupção e o que ha de grande, de nobre, de puro e que se congloba na grande Idéa!

E' que a indignidade se tornou um habito; fala-se, escreve-se, procede-se com cuidado, com escrupulo, com mêdo.

Teme-se o esbirro que nos guarda a consciencia, como o inquisidor que tomará conta de nós se nos insurgirmos, se berrarmos!

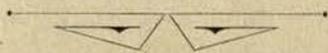
*
* *

E no entanto, eu indigno-me por esta indifferença, por esta paucez.

Porque deviam surgir, de todos estes peitos aquellas grandes coleras que teem operado redempções, e todas estas almas deviam caminhar illuminadas por clarões de revolta, ao encontro do Preconceito e fazel-o n'um frangalho!

Depois de deitado abaixo o grande obstaculo seguir para o Futuro emancipador e libertador.

Carlos Olavo.



Os Livros

.....

CHRISTÃOS ÀS FÉRAS *(pro libertate)* pelo padre Guimarães — Porto, 1901.

Ao travar-se ha pouco, nó Porto, o primeiro motim liberal contra os reaccionários, tomando como pertexto o caso Calmon, estalou de repente aos nossos ouvidos o nome do padre Guimarães, como um bom apóstolo da Verdade. O padre Guimarães era acclamado pelo povo porque invectivava os jesuitas, — a sua hypocrisia, os seus malifícios, a sua doutrina de falsa humildade — e de Norte a Sul o seu nome vinha retumbante d'acclamações, de elogios, enraizar-se pela admiração, nos nossos peitos avidos de justiça.

Quem era o padre Guimarães eu não o sabia e como eu, havia por Lisboa muita gente.

Muito naturalmente, entusiasmado pelo que lia das suas prédicas, dos seus sermões, da sua evidente intenção de revellar a todos os corações, mesmo aos mais obsecados pelo hediondo apostalado da seita negra, a santa palavra da Justiça, tal como Christo a exprimiu, puz-me a edificar deante dos olhos a sua figura.

Que querem! quando os ouvidos se entusiasmam os olhos para que a imaginação grave bem a idéa, tratam de levantar uma imagem. Muitas vezes, essa imagem, moldada pela impressão ás palavras absorvidas, é erronea, é desconnexa. E não é que a figura do homem careça de relação com o que elle diz e o que elle escreve; sómente, o nosso criterio serviu mal porque a impressão foi quem nos illudiu.

Ao padre Guimarães eu julguei-o por isso mesmo um velho d'olhos cheios de velhice, labios cançados, a tez enrugada, a branca barba caída sobre o peito, tal como um Jehovah das lendas biblicas. Assim o phantasei, e assim o tive para mim, talvez por um vicio de educação, em analogia com aquell'outra figura bondosa do Padre Eterno com que nos acalentaram a memoria, em creanças, — e elle não é nada d'isso.

N'este livro a que me refiro apparece-me, n'um retrato o verdadeiro typo, — um rapaz de olhos vivos, labios frescos de mocidade, inimigo irreconciliavel da Mentira, e eu ponho-me, então, a pensar no meu erro. Como a Humanidade tem caminhado Santo Deus! e como hoje para comprehender o Bem não é necessario ser-se velho! Depois, como já está espalhada em tantos espiritos esta ideia do Bem! Os novos vão comprehendendo emfim, quanto é util á propria consciencia ser-se bom; já ha quem do pulpito abaixo pregue a Bondade, n'uma cruzada pacificadora; ha já quem advogue a Justiça como o fim maior do homem na terra. Mas, o meu espirito ainda tem duvidas se, realmente, os modernos apóstolos, mesmo apparentando frescura e viço, são de facto, novos! Pois, não são, não; porque as suas almas embora envolvidas em corpos moços, fugindo pelo sonho á realidade, esquivando-se pela visão ao presente infecto e duro — se lá ao longe, muito longe, vão construir um paraizo a que o tempo dará accesso, esse paraizo é baseado n'aquell'outro recanto sublime da velha Idade d'ouro que já descrevia Platão,

como do inicio do Homem na terra, antes das civilisações requisitadas o terem desorientado.

Eu creio, por isso, que não errei completamente quando suppuz o padre Guimarães um velho, — mas um velho d'alma, porque as almas novas parecem comprazer-se com as injustiças d'agora, caminhando despreocupadas, alegres, satisfeitas, uma vez que os seus corpos estejam anediados e flacidos.

Este livro *Christãos ás feras* é um bello documento da alma d'um homem, — porque é um grito formidavel contra a Iniquidade e contra a Hypocrisia.

Fernando Reis.

*
* *

QUEREMOS LUZ por José Augusto de Castro — Imprensa Libanio da Silva — Lisboa, 1901.

Ha um anno pouco mais ou menos appareceu nas montras dos livreiros um folheto em verso com este titulo: *Civilisação e Hypocrisia*, firmado por este nome: José Augusto de Castro.

O nome d'um poeta novo passa quasi sempre em claro porque, n'esta boa terra de insulsos vates, saem cada anno uns cem livros de versos e d'entre elles, o publico sabe-o por experiencia, não é trivial encontrar-se um que seja rasoavel. Ao folhearem-se os livritos d'esses senhores que desabrocham como cogumellos, n'uma noite e n'um charco, a nossa curiosidade transforma-se quasi sempre em decepção. Quantas vezes isto succede! Na rua esses poetastros passam ridiculos, de guedelhas compridas, olhares frouxos, pernas dubias, uma especie de monstrosinhos do Ideal; nas suas producções teem o cunho de scepticos, de *blazés*, de terriveis descrentes, e só adoram, dizem elles, as subtilezas, os aromas caros, as impressões agudas. São os manos espurios dos estafados symbolistas, nephelibatas, decadentes, que apregoavam o amor infecundo e por isso não poderam ter filhos. Pois esses sujeitos ainda encham o mercado litterario com as suas banalidades e o publico cançado deixou de lér versos.

E' por este motivo que o nome d'um poeta novo com valor, passa durante muito tempo desconhecido; foi assim que eu, um tanto saturado de asneiras rimadas quando recebi o folheto de José Augusto de Castro tive um sorriso de descrença.

Mas abri-o, porque no fundo do meu desdem por esses versejadores de má-morte, ainda espero vêr alguns mudarem de rumo ou surgir um ou outro affastado por completo, de taes processos. Não me enganou d'esta vez a minha esperanza, com satisfação o digo, e logo ás primeiras paginas do folheto eu já não sorria, descrente, porque o entusiasmo me invadira. Lia alto, lia com toda a força dos meus pulmões, que é assim que o meu entusiasmo se traduz quando leio uma obra que me agrada. Applaudia freneticamente o vigor e a indignação das quadrao vibrantes d'esse magnifico pamphleto, porque é um pamphleto indignade e audaz, o livrito a que me refiro; e, mal o devorei, n'uma leitura rapida puz-me a contemplar o nome para o gravar bem na memoria. Devia tel-o dito já, mas esperei segunda producção do mesmo auctor. E' que eu queria, bem convencido, formar o meu juizo a seu respeito e eis que passados dias leio artigos firmados pelo mesmo nome em jornaes da pro-

vincia. O meu juizo estava feito e a José Augusto de Castro comecei então, a consideral-o como um verdadeiro camarada das modernas letras. Quem elle é pessoalmente, ainda não sei, nem preciso sabel-o para o admirar; os seus versos e a sua prosa revelaram-me o bastante para a minha razão se fazer. Deve ser energico, vigoroso e bom,—um grande coração e uma bella alma, bem orientado e assaz decidido a talhar um logar distincto na litteratura portugueza; tambem, é quanto me basta saber d'um escriptor. D'ahi a mezes novas producções com o mesmo cunho de virilidade e de audacia, sempre apaixonado pela justiça, sempre amoroso do Bem,—um revoltado sincero, cheio de talento, cheio de obstinação, acabaram por fortalecer o meu conceito.

Hoje, folheando o seu novo folheto *Queremos luz*, a mesma convicção e o mesmo enthusiasmo me assaltam, e, sem querer, ponho-me a pensar em como pude eu, n'um momento, confundir esses versos, antes de os lèr, é claro, com a turba-multa dos versinhos d'almanach, torcidos, quebrados, desconnexos, que diariamente saem dos bicos das penas d'aquelles tristes vates de melenas.

Ah! é que os nomes dizendo muito, dizem aliás bem pouco, porque se ha appellidos que chancellam burros, sem offensa para os inoffensivos quadrupedes, ha tambem esta verdade flagrante — de que a obra d'um artista só é d'elle pela gloria de a ter produzido, mas de facto pertence á collectividade a quem se dirige. E agora comparando a utilidade dos versos de José Augusto de Castro á inutilidade das estrophes de tantos outros poetas novos, como elle envolvidos a principio na mesma obscuridade, se não repudio por completo o meu desdem e o do publico pela leitura das dezenas dos livrecos da versalhada insonsa que para ahi apparecem epidemicamente, eu incito os espiritos esclarecidos a que o leiam para avaliarem toda a justiça das minhas palavras.

Ainda aos meus ouvidos echoam, as sua quadras vehementes e generosas e, ao recordal-as, parece-me ouvir saindo das suas campas as vozes de tantos outros poetas pamphletarios como elle, em cujas almas o Amor e e Bondade se uniam, porque não desprezavam a Vida que é, afinal a fonte perenne da verdadeira Arte.

E' Petôfi o sublime hungaro morto aos vinte annos com as armas na mão e a lyra no coração; é André Chernier; o soberano Hugo; o grande Guilherme Braga; ou são os dois gloriosos portuguezes vivos ainda, Junqueiro e Gomes Leal, que eu julgo ouvir pela bocca de José Augusto de Castro, e, no entanto, differencando-se de todos elles, o meu poeta tem originalidade no ataque, rude, impetuoso, sem atavios, proprio d'um temperamento agreste, de provinciano como creio que o é.

E a Arte tem este condão; basta que seja sentida para ser Arte, —isto é, que toque as luctas da terra como elle faz tanto com sua alma de poeta como pela sua orientação que lhe mostra haver ainda muitos males a combater.

«Ha sanie no horisonte, grangrena nos astros,
Tornou-se em lodo o Mar, decompõe-se o Universo!
Phantasmas passam... Vede! — ha sangue nos seus rastros!
Phantasmas passam... Vede! ha pranto em cada berço!»

Fernando Reis